



O PALÁCIO DE SALOMÃO

Enquanto no palácio de Salomão imperava o luxo e a luxúria...

Como estava o povo?

Há quem defenda que Salomão é um tipo do Espírito Santo de Deus. Para que possamos analisar a coerência dessa tese, precisamos conhecer um pouco da história do reino de Salomão e seu modo de proceder, para então comparar com a ação do Espírito Santo, especialmente a partir do reino de Jesus Cristo, a quem nos rendemos como discípulos, a ponto de sermos chamados cristãos.

Quando os israelitas pediram a Samuel que lhes fosse dado um rei, tal qual as nações vizinhas possuíam, foram advertidos do quanto isso lhes custaria:

10 Referiu Samuel todas as palavras do Senhor ao povo, que lhe pedia um rei, 11 e disse: Este será o direito do rei que houver de reinar sobre vós: ele tomará os vossos filhos e **os empregará no serviço dos seus carros** e como seus cavaleiros, para que corram adiante deles; 12 e os porá uns por capitães de mil e capitães de cinqüenta; outros **para lavrarem os seus campos e ceifarem as suas messes**; e outros para fabricarem suas armas de guerra e o aparelhamento de seus carros. 13 Tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. 14 **Tomará o melhor das vossas lavouras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais e o dará aos seus servidores**. 15 **As vossas sementeiras e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus oficiais e aos seus servidores**. 16 Também **tomará os vossos servos, e as vossas servas**, e os vossos melhores jovens, e os vossos jumentos e os empregará no seu trabalho. 17 **Dizimará o vosso rebanho**, e vós lhe sereis por servos. 18 Então, naquele dia, clamareis por causa do vosso rei que houverdes escolhido; mas o Senhor não vos ouvirá naquele dia. 19 Porém o povo não atendeu à voz de Samuel e disse: Não! Mas teremos um rei sobre nós. (1 Sm 8:10-18 RA)

A mensagem de Deus era bastante clara: os israelitas estavam optando por arcar com as despesas de uma realeza enquanto rejeitavam o modelo tribal igualitário, cujas bases da distribuição da renda, da propriedade rural, do usufruto do trabalho servil, do amparo aos necessitados, das leis da guerra e da promoção da justiça estavam delineados na lei de Deus, alternando-se os juizes conforme a escolha de Deus entre os homens do povo.

Tudo isso estava previsto, mas certamente Deus não queria a exploração do povo. Isso não combina com a justiça de Deus. Assim, era de se esperar que os tributos e os serviços prestados à realeza fossem apenas o suficiente para a manutenção do governo, dos rituais sagrados, do exército e para promoção do desenvolvimento social, cultural, político e econômico da nação.

Tanto o reinado de Saul como o de Davi foram marcados por muitas guerras e conflitos para o estabelecimento das fronteiras de Israel. Ambos experimentaram a guerra pessoalmente, enfronhando-se nos campos de batalha juntamente com os seus soldados. Os



israelitas compreendiam que o esforço pela manutenção do governo e do exército era estritamente necessária. O povo se sacrificava de um lado enquanto o rei e seu exército se sacrificavam do outro. Cada vitória militar era uma vitória de todo o Israel.

Quando Davi fez de Israel uma nação forte e temida por toda a terra, pretendeu edificar um templo de pedras para substituir o antigo tabernáculo, mas foi impedido pelo próprio Deus, que o deteve, prometendo-lhe que seu sucessor faria isso em seu lugar (2Sm 7:12-13).

É bom lembrar que na velhice de Davi formaram-se dois partidos opostos: um que apoiava Adonias, o filho que teria direito à sucessão, e outro que apoiava Salomão, filho de Davi com Betseba. Adonias tinha do seu lado outros irmãos, além de Joabe, chefe do exército, e o sacerdote levita Abiatar. Salomão tinha do seu lado o sacerdote Zadoque, o profeta Natã, o chefe da guarda Benaia e mais os valentes de Davi. Os dois grupos pretendiam assumir o governo após a morte de Davi.

Adonias, para se lançar oficialmente como rei promoveu uma grande festa (1Rs 1:1-10) na presença de muitos convidados que o apoiariam naquela investida.

Surpreso com os acontecimentos, o partido de Salomão tomou providências imediatas, conseguindo a autorização do rei Davi para a apresentação de Salomão como novo rei de Israel, segundo nos informa a bíblia sagrada em 1Rs 1:29-30. Com isso o grupo de Adonias se dispersou (1Rs 1:49).

Adonias compreendeu que sua vida estava em perigo e foi agarrar-se às pontas do altar. Tal gesto significava busca de asilo seguro, pois enquanto o perseguido estivesse agarrado às pontas do altar, ninguém poderia tocá-lo antes de fazer julgamento regular e emitir a sentença (1Rs 1:41-53).

O final da história da sucessão de Davi retrata a preocupação com a consolidação do poder de Salomão. Enquanto Davi, próximo à morte, aconselha o novo rei a obedecer à lei (1Rs 2:1-11), Adonias faz uma última tentativa para ficar próximo do trono: pedindo uma das esposas do próprio pai, ele mostra que ainda tem pretensões. Salomão se aproveita da oportunidade e elimina o forte concorrente (1Rs 2:12-25).

Salomão, ao ser confirmado rei, herdou um império pronto e consolidado, mas primeiramente precisava eliminar qualquer resistência que pudesse ameaçar seus planos de edificação de seu reino.

Os primeiros atos de Salomão visam assegurar definitivamente o poder: destituiu do sacerdócio o levita Abiatar, partidário de Adonias, e deixa Zadoque, seu partidário, em seu lugar. Para assegurar o controle militar, Salomão elimina Joabe, por recomendação de seu próprio pai, Davi (1Rs 2:5), e passa a chefia do exército para Benaia, que também pertencia ao seu partido.

Dessa forma, Salomão eliminou as possíveis resistências ao seu governo.

Reflexão: esse modo de garantir e se firmar no poder foi o escolhido por Deus para sua igreja? Foi isso que Jesus nos ensinou? Foi esse o exemplo que Jesus nos deu?



A partir daí, Salomão só precisava aparelhar e sofisticar o Estado, além de construir o tão sonhado templo para a habitação de Deus.

Tanto Deus como o povo ansiava por um governante humilde, temente a Deus e sábio, capaz de discernir e realizar a justiça (1Rs 3:7-9). E foi a isso que Salomão se propôs logo no início de seu reinado, ganhando, assim, o coração de Deus (1Rs 3:10) e o do povo (1Rs 3:28). Ele tinha tudo para ser um legítimo despenseiro para realizar os sonhos de Deus em relação ao seu povo, promovendo a prosperidade, a justiça, a paz e um culto verdadeiro ao Senhor.

Assim, Salomão garantiu todo o apoio necessário, devidamente justificado, para um implemento tributário. O povo estava disposto a pagar esse preço, já que até então haviam prosperado sob o governo de Davi, tanto territorialmente, como em número de escravos e despojos de guerra – rebanhos, cereais, ouro, prata, pedras preciosas, metais, especiarias etc. Nada mais justo que confiar no homem indicado por Davi e escolhido por Deus para governar e edificar um templo para a habitação da arca da aliança, símbolo sagrado da presença de Deus no meio de seu povo.

Reflexão: se o nosso líder, levantado por Deus, tem um bom coração e um desejo sincero de realizar a obra de Deus, devemos segui-lo cegamente?

Inicia-se, pois, o implemento da máquina administrativa. Notamos isso com a comparação da lista dos funcionários do reino de Salomão (1Rs 4:1-6) com a lista de funcionários do reino de Davi (2Sm 8:15-18; 20:23-26). **Diminuem os sacerdotes; aumentam os secretários**, certamente por causa da burocracia criada para dar suporte ao novo sistema tributário. Aparece a figura do chefe dos prefeitos, isto é, o chefe dos chefes dos distritos que deviam fornecer os tributos para o rei. Aparece um prefeito exclusivamente para a administração do palácio real. O chefe dos trabalhos forçados é o mesmo Adonirão do tempo de Davi.

É preciso esclarecer que logo de início Salomão realizou alianças com outros povos e reinos. A primeira notícia sobre o seu reinado é de **sua ligação com a corte egípcia. Ele casou-se com a filha do Faraó**, provavelmente Psusenés II (1Rs 3:1). Naquele tempo, o matrimônio de um monarca não era, em primeiro lugar, uma questão afetiva, mas política e econômica. Os casamentos régios significavam alianças. No caso de Salomão, isso compreendia uma absorção do modelo tributário egípcio.

Reflexão: se o nosso líder se afasta claramente da vontade de Deus, devemos questioná-lo, ou isso seria uma insubordinação contra o ungido do Senhor e contra o próprio Deus?

Salomão, influenciado pelo modelo egípcio, reorganiza e aperfeiçoa o sistema tributário (1Rs 4:7-20). Como os territórios das tribos eram desiguais em extensão e produção, ele redivide todo o país em doze prefeituras ou distritos, assegurando a arrecadação dos tributos para sustentar todo o aparelho estatal. É claro que a consolidação desse sistema desarticulou completamente o sistema econômico que ainda funcionava nas tribos. Em troca, surgia uma concentração cada vez mais cerrada da economia, fazendo com que praticamente a maior parte da produção afluísse para os cofres reais.



O texto de 1Rs 4:20-28 nos dá uma idéia do peso que a máquina do Estado salomônico representava para o povo. Somos lembrados da extensão do seu império e de que todos lhe pagavam tributo. A seguir se especificam os gastos diários da máquina estatal.

Reflexão: se é para a “obra de Deus”, alguém ousaria questionar a razoabilidade daqueles tributos? As cobranças não estariam exageradas?

Também, a nova situação do país exigia a criação de um sistema administrativo eficiente para executar a política do rei em todo o território. Para sustentar a máquina administrativa era necessário criar uma burocracia governamental, e principalmente formar uma classe diplomática para assessorar o governo em questões internas e externas. Salomão importou do Egito não só o modelo político-econômico, mas também o modelo diplomático e cultural.

Mas, não é só. O clima de paz permitiu a Salomão entrar em aliança com nações vizinhas e projetar a construção de obras “faraônicas”. A construção do templo fazia parte de um compromisso assumido com Deus e com o povo, mas Salomão não parou por aí. Ele realizou troca de bens primários por tecnologia sofisticada (1Rs 5:15-32; 9:10-25). Em Israel não havia mão-de-obra especializada para algumas tarefas, as quais tiveram que ser importadas. Desse modo, Salomão teve que pagar ao rei de Tiro não só pela madeira fornecida, mas também pela mão-obra estrangeira. E como foi feito o pagamento? Uma parte em gêneros de primeira necessidade (trigo, azeite) para sustentar o reino de Tiro durante o período de construção do templo e das demais obras contratadas entre eles.

Outra parte do pagamento pelas construções, também paga pelo povo, era fornecida pela mão-de-obra forçada, isto é, pelos trabalhadores em tempo integral nas construções das obras públicas (1Rs 5:27-32), sendo: 30.000 operários que se revezavam de três em três meses no Líbano dirigidos por Adonirão; 70.000 carregadores e 80.000 cortadores de pedras, sob a chefia de 3.300 capatazes (fora os 550 chefes de inspetores de 1Rs 9:23)... tudo para o templo. E as outras construções, como os palácios, o aterro, a muralha de Jerusalém, Hasor, Meguido, Gazer, Bet-Horon Inferior, Baalat, Tamar, as cidades entrepostos, as cidades militares, e outras construções em Jerusalém, no Líbano e nos países vizinhos? (1Rs 9:15-19).

Vale lembrar que o templo levou sete anos para ficar pronto (1Rs 6:38). Os palácios de Salomão 13 anos (1 Rs 7:1), sem contar as demais obras suntuosas (1Rs 9:10-24). Daí vemos o quanto os camponeses deviam produzir para alimentar não só o Estado de Israel, mas também a corte de Tiro com toda a sua força de trabalho.

Isso nos faz pensar no altíssimo custo que a febre construtora acarretava para o povo, já gravado pela sustentação do aparelho estatal, do exército e do luxo da nobreza real.

Se pensarmos sob a ótica moderna, diríamos que o país estava em pleno desenvolvimento, gerando empregos, bens e serviços para a economia do Estado. Mas, é importante separar desenvolvimento de crescimento econômico. Havendo o primeiro sem o segundo, os recursos se esgotarão. Por exemplo, se eu comprar um carrão importado sem ter renda suficiente para mantê-lo (impostos, manutenção, seguro etc.), essa aparente



prosperidade resultará em um estrangulamento futuro. Esse tipo de desenvolvimento tende a ser insustentável, pois leva ao esgotamento dos recursos necessários à manutenção do crescimento.

No caso de Salomão, o desenvolvimento de seu reino não gerava nada além de mais custos para a sua manutenção. Além da construção de palácios não gerar receita futura, depois de prontos, aumentavam o custo da manutenção da realeza. Não se estavam criando bens e serviços para comércio interno ou exterior. Se fosse assim, ter-se-ia a captação de recursos estrangeiros para novos investimentos, criação de novas tecnologias para as edificações e de novos produtos capazes de gerar por si mesmos novos postos de trabalho, além de renda extra para a promoção do crescimento econômico, necessário para o sustento do desenvolvimento.

Então, quais eram as bases do “desenvolvimento” do reino de Salomão? Camponeses produziam bens de primeira necessidade que eram entregues, por meio de tributos, ao governo real. O povo plantava, tecia, produzia objetos manufaturados, criava seus rebanhos e praticava o comércio. De toda a sua produção ou renda, boa parte era destinada ao palácio real, que trocava esses produtos por serviços contratados (internos e externos) ou por pedras preciosas, ouro, prata, madeira e outros metais importantes para a produção de armas e utensílios domésticos. Todavia, os valores entregues ao monarca, por meio de tributos, não retornavam ao povo na forma de bens, obras públicas de interesse da população ou outras prestações estatais. Antes, transformavam-se em benefícios para a nobreza, tornando o camponês explorado cada vez mais pobre e a realeza cada vez mais rica.

Reflexão: é razoável que um rei e seus agregados vivam regaladamente às custas de um povo empobrecido? Deus aprova esse modelo nada igualitário. Era assim no tempo de Saul e Davi?

O ouro (14.000 kg, segundo 1Rs 9:28), a madeira de sândalo, as pedras preciosas (1Rs 10:22), prata, marfim, eram destinados ao embelezamento de Jerusalém, sobretudo para o Templo e para a corte de Salomão (1Rs 10 e 12:14-21). E os macacos e pavões? Algum jardim encantado? Pura extravagância?

Salomão também se tornou importador e exportador de cavalos de raça e de carros de guerra, tudo importado **do Egito** e da Cilícia (1Rs 10 e 26:28-29). Prata e cedro se tornaram coisas comuns (1Rs 10:27). A mão-de-obra escrava era usada no comércio de carros e cavalos com o Egito. Observe-se que isso estava em desacordo com a lei de Moisés:

14 Quando entrares na terra que te dá o SENHOR teu Deus, e a possuíres, e rela habitares, e disseres: Porei sobre mim um rei, assim como têm todas as nações que estão em redor de mim; 15 Porás certamente sobre ti como rei aquele que escolher o SENHOR teu Deus; dentre teus irmãos porás rei sobre ti; não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos. 16 **Porém ele não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito para multiplicar cavalos;** pois o SENHOR vos tem dito: Nunca mais voltareis por este caminho. 17 **Tampouco para si multiplicará mulheres,** para que o seu coração não se desvie; nem prata nem ouro multiplicará muito para si. (Dt 17:14-17)



Mas, Salomão não parou por aí. O comércio internacional, típico de um país em clima de “milagre econômico” necessitou criar “uma frota em Asino-gaber, perto de Elat, às margens do mar Vermelho, no país de Edon” (1Rs 9:26; 10:22). Para o trabalho no mar Salomão contava com seu próprio contingente e mais o pessoal especializado fornecido pelo rei de Tiro (1Rs 9:27). Mais uma vez dependia da mão-de-obra especializada estrangeira... Quem custeava isso? Como visto, quem pagava pelo luxo dos palácios e demais obras da vaidade de Salomão eram os camponeses e os comerciantes internos.

Apenas para que se tenha uma noção do colapso a que se dirigia o reino de Salomão, pode-se imaginar que com o término dos palácios reais toda aquela massa de trabalhadores estaria desempregada e o custo do Estado significativamente elevado. O que se poderia esperar disso?

Desse modo, enquanto Salomão gozava de luxo e luxúria com 700 esposas e 300 concubinas, desagradando a Deus, o povo estava caminhando para a miséria, devido aos pesados tributos que estavam obrigados a entregar à coroa. O povo, e principalmente os camponeses deviam sustentar continuamente os gastos não só do rei e da corte, mas também dos oficiais e dos funcionários ligados à administração, bem como de todos os que comiam às custas do rei. Não ficavam de fora os cavalos de tração (4.000) e os cavalos de montaria (12.000) que deviam consumir ração de primeira (cevada e palha) e, é claro, todo o exército que precisava ficar de prontidão, mesmo em tempo de paz.

Outro exemplo do dispêndio de Salomão está em suas relações diplomáticas internacionais. A rainha de Sabá certamente não foi a única visita diplomática que Salomão recebeu em Israel (1Rs 10:24-25). É claro que tudo regado com vinhos finos, iguarias raras, troca de presentes caríssimos – não só para o visitante em pessoa, mas também para toda a sua comitiva, decerto não era pequena. Ao final, Salomão entrega à rainha uma grande soma de bens e valores da economia nacional:

13 E o rei Salomão **deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou, tudo quanto pediu, além do que dera por sua generosidade**; então voltou e partiu para a sua terra, ela e os seus servos. (1Rs:10:13)

E, depois de tudo isso, não se nota nenhum tipo de constrangimento do rei (pastor) pelo tratamento que dá ao seu povo (ovelhas). Ao contrário, acham que Deus os está apoiando. Afinal, é só olhar para toda essa prosperidade e cada um verá o quanto Deus tem abençoado! A visitante, por sua vez, encantada com tanta glória, chega a afirmar que o povo tem muita sorte por Deus tê-lo abençoado com um governante tão sábio, que exerce “o direito e a justiça” (1Rs 10:6-9). Será? O que Deus diz sobre a exploração de seu povo?

2 Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza, e dize aos pastores: Assim diz o Senhor DEUS: Ai dos pastores de Israel que se **apascentam a si mesmos!** Não devem os pastores apascentar as ovelhas? 3 **Comeis a gordura, e vos vestis da lã; matais o cevado;** mas não apascentais as ovelhas. 4 As fracas não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas **dominai sobre elas com rigor e dureza.** (Ez 34:2-3)



Mais uma vez, ficam as perguntas. Quem pagava por toda aquela glória do reino de Salomão? Quem, realmente, vivia aquela prosperidade? O povo ou o rei? O que se via do lado de fora? Será que alguém podia ver que o povo que trabalhava e produzia tudo não fica com nada? Será que se via que todo o resultado dos esforços dos camponeses era queimado no luxo daqueles que os governavam?

Reflexão: Deus apoiava o luxo dos nobres com recursos retirados dos camponeses?

No início, todo o esforço era motivado por uma nobre causa: a edificação do templo e do reino. Mas, iniciada a exploração do povo, essa não mais parou até que Salomão morreu e o povo veio à Roboão, seu sucessor, suplicar que o fardo imposto por seu pai Salomão fosse aliviado:

4 **Teu pai fez pesado o nosso jugo**; agora, pois, **alivia tu a dura servidão de teu pai** e o seu pesado jugo que nos impôs, e nós te serviremos. (1Rs 12:4)

É preciso destacar isso: o texto acima revela o quanto **o povo estava sendo subjugado com pesado fardo e dura servidão**.

Essa era a realidade do governo e do povo no tempo do reinado do “sábio” Salomão. Mas, quem sabia disso? Como já dito, num primeiro momento o povo apoiava toda aquela investida, pois estava fascinada pela sabedoria de Salomão, pela iniciativa da construção do tão sonhado Templo, além de se orgulhar de ter uma cidade “encantada” com magníficos palácios e aparente desenvolvimento cultural e econômico. Todos ficavam orgulhosos por serem admirados pelas rainhas reis e estrangeiros.

Isso, também, não passava de uma vaidade.

O povo sofria internamente, mas preferia preservar aquela ostentação porque isso lhes rendia elogios e admiração de outros povos. **Eram infelizes, explorados e maltratados, mas pareciam ser os mais felizes de toda a terra**. Afinal, “Deus está conosco!” Quem ousaria se levantar contra Deus! Questionar o rei seria questionar o próprio Deus que o colocou ali. Mas, e Deus? Estava concordando com aquela situação, apesar Dele mesmo ter escolhido Salomão?

Entre tanta omissão, alguém se levantou. Jeroboão é um indicativo de que algo estava errado e a expressão do descontentamento de Deus e do povo (1Rs 11:26-28). Ele pertencia à tribo de Efraim, do Norte, e certamente fazia parte do grupo de trabalhadores forçados de Salomão. Como era forte e valoroso, *“Salomão, vendo que o jovem trabalhava bem, o nomeou capataz dos trabalhos forçados da casa de José”*.

Deus, por reprovar as atitudes de Salomão, enviou o profeta Aías a Jeroboão que, rasgando sua capa nova em 12 pedaços deu 10 pedaços a Jeroboão, como sinal profético de que Deus o levantaria para governar sobre 10 tribos de Israel (1Rs 11:29-31, 35, 37). Sabendo disso, **Salomão tentou matar Jeroboão** e este fugiu para o Egito e ali ficou até a morte do rei (1Rs 11:40).



Sabe-se que mais tarde Jeroboão assume a revolta contra Roboão, filho de Salomão, que, ao assumir o trono, negou alívio do fardo imposto por seu pai ao povo (1Rs 12:1-5; 12-16).

Reflexão: Deus pode levantar homens do povo para questionar o procedimento do rei? Qual a postura de um rei sábio? Ouvir ou mandar matar e afugentar quem ouse questioná-lo?

Essa era a situação interna vivida pelo povo durante o reinado de Salomão. E quem olhava de fora? Ah! quem olhava de fora só tinha olhos para os palácios de Salomão, para sua sabedoria, para seus criados e para a ordem de sua casa e do seu culto a Deus. O templo era impecável, cheio de glória (ouro, pedras preciosas, linho fino, madeiras nobres entalhadas etc.), com turnos levitas impecavelmente dispostos para o serviço do culto. Cantores, guardas às portas, sacerdotes vestidos com uma estola pomposa, realizando uma ministração de elevada reverência.

Tudo, tudo impecável!

Reflexão: como Deus vê? O exterior ou o interior? O aparente ou o oculto? Os fariseus eram impecáveis por dentro ou por fora?

A notícia sobre a visita da rainha de Sabá a Salomão é um exemplo das preocupações internas dos poderosos: ostentação do luxo, exibição da cultura e de culto a um Deus “supostamente orgulhoso de tudo aquilo”. Isso para mostrar “quem é quem” naquela grande exibição de vaidades.

4 Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e **a casa que edificara**, 5 E a comida da sua mesa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados, e as **vestes deles**, e os seus copeiros, e **os holocaustos que ele oferecia na casa do SENHOR**, ficou fora de si. (1Rs 10:4-5)

Quem não sabe da realidade dos súditos, tampouco conheceu os campos de trabalho e a triste realidade dos camponeses, tem a visão embaçada com tanta glória. O testemunho de quem olha de fora e só vê aquilo que se pretende mostrar é o seguinte:

6 E disse ao rei: Era verdade a palavra que ouvi na minha terra, dos teus feitos e da tua sabedoria. 7 E eu não cria naquelas palavras, até que vim e os **meus olhos o viram**; eis que não me disseram metade; **sobrepujaste em sabedoria e bens a fama que ouvi**. 8 Bem-aventurados os teus homens, **bem-aventurados estes teus servos, que estão sempre diante de ti**, que ouvem a tua sabedoria! 9 Bendito seja o SENHOR teu Deus, que teve agrado em ti, para te pôr no trono de Israel; porque **o SENHOR ama a Israel para sempre, por isso te estabeleceu rei, para fazeres juízo e justiça**. (1Rs 10:6-9)

Mas, o que Deus revelou sobre a conduta de Salomão?

1 E o rei Salomão amou muitas **mulheres estrangeiras**, além da filha de Faraó: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, 2 Das nações de que **o SENHOR tinha falado aos filhos de Israel: Não chegareis a elas, e elas não chegarão a vós**; de outra maneira perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor. 3 E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas



concubinas; e **suas mulheres lhe perverteram o coração**. 4 Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o SENHOR seu Deus, como o coração de Davi, seu pai, 5 Porque Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e Milcom, a abominação dos amonitas. 6 **Assim fez Salomão o que parecia mal aos olhos do SENHOR; e não perseverou em seguir ao SENHOR, como Davi, seu pai.** (1Rs 11:1-6)

Segundo o texto de 1Rs 11:1-6, na velhice de Salomão, seu coração revelava as consequências de uma vida em desagrado a Deus. O pecado da idolatria apenas mostra o quanto seu coração havia se corrompido. Seu pecado, entretanto, não se iniciou na sua velhice. Transpareceu claramente nela. Seu pecado de desobediência a Deus começou quando tomou a filha de Faraó por esposa. É assim que se inicia a queda. Uma mulher, depois outra, depois outra... Quantos anos seguidos Salomão fez o que Deus havia dito para que o rei não fizesse? Por fim, vem a condenação, apesar da paciência de Deus.

Reflexão: como pode um rei sábio, com um bom coração, intenções sinceras e escolhido por Deus tornar-se um tirano vaidoso e opressor, que sobrecarrega o povo com serviço forçado, tributos elevados e que se recusa a ouvir o que vem do coração dos seus súditos, julgando ser infalível e irrepreensível?

Será que essa lição não nos basta?

Seria Salomão, como creem alguns, um tipo do Espírito Santo de Deus, com a nobre missão de governar a igreja com mão forte, eliminando sumariamente qualquer resistência ou possibilidade de contestação? Quem pensa assim conhece o Espírito Santo de Deus?

Será que essa crença pode levar o fiel a aceitar, sem questionar, tudo que lhe é apresentado como justificativa da realização da “obra de Deus”?

Será que os nossos líderes nos impuseram um distanciamento tal que quando nos aproximamos deles até o nosso estado emocional se altera pelo medo que sentimos de falar o que pensamos? Tememos tanto que nem ousamos questioná-los, mesmo quando nos parece que eles estão se afastando do centro da vontade de Deus? Como seríamos tratados fizessemos uma crítica? Isso seria considerado uma insubordinação contra o ungido do Senhor e contra o próprio Deus?

Será que as imposições da igreja, sob pretexto da realização da “obra de Deus”, estariam razoáveis? Teríamos coragem de fazer essa pergunta pessoalmente ao líder máximo de nossa igreja, ou nem adiantaria, pois já sabemos como seremos recebidos, quais as respostas e quais as conseqüências dessa atitude?

Será razoável que um líder religioso faça fortuna com recursos da membresia, que vive, em sua maioria, na linha da pobreza? E a luxúria com recursos da igreja? Se são nobres, homens de Deus, preocupados com o desenvolvimento da “obra de Deus”, tudo está justificado?



Estamos nós orgulhosos do nosso culto impecável, do nosso rei (pastor) sábio, de sua aparente sensatez, de sua riqueza e prosperidade, de sua dignidade diante dos estrangeiros quando ele é honrado por quem não sabe a real situação do povo?

Que tratamento o rei (pastor) tem dispensado ao povo (rebanho)? O mesmo dos primeiros dias ou ele se corrompeu com o passar dos anos e tornou-se vaidoso?

É possível que um homem com um bom coração, intenções sinceras, escolhido por Deus, torne-se um ditador e explorador, criando regras e mais regras, amplamente aceitas, mas que, aos poucos, vão sobrecarregando o povo com atividades, obrigações, responsabilidades que os impedem de pensar criticamente?

Reflexão: como nós e nossas famílias estamos? Livres ou subjugados? Bem assistidos ou desamparados? Reconhecidos ou desprezados? Compreendidos ou nem somos ouvidos?

Estamos satisfeitos com um líder vaidoso, que ostenta glória, autoridade, poder e riquezas enquanto nós estamos sendo subjugados e afligidos e nem sequer podemos lhe falar o que se passa em nossos corações?

Será que nós também não estamos vaidosos por ser identificados com o palácio de Salomão?

Enfim, prosperidade, glória, números, templos, organização, obreiros bem vestidos, qualidade musical, poesias “reveladas” e um culto impecável, é indicação de que estamos no centro da vontade de Deus?

O que desejamos? Associar-nos ao palácio impecável de Salomão ou à vontade de Deus?

Pense! E ore!

Por: Pastor Sólon Lopes Pereira